

ADOLESCÊNCIA E O PROCESSO DE EXCLUSÃO/INCLUSÃO: UMA PERSPECTIVA SÓCIO HISTÓRICA

Amanda Tayse de Sena Silva Santos¹; Débora Kelly Pereira de Araújo²; Maria da Vitória Gomes Costa³

Universidade Estadual da Paraíba – amandasena3@gmail.com

Resumo: A produção de conhecimentos científicos muitas vezes contribuem para ampliar processos de exclusão já historicamente solidificados, é o que acontece com a temática da juventude e da adolescência. Buscando problematizar a temática da adolescência e como este público percebe o processo de inclusão/exclusão na sociedade atual, o presente estudo tem como objetivo apresentar sob a ótica de adolescentes o significado da adolescência e do processo de inclusão/exclusão social destes. Para tanto, foi realizado um estudo de campo, por meio da Técnica de Grupos Focais, participaram deste estudo um grupo composto por dez adolescentes, de ambos os sexos, que significam a adolescência a partir de suas experiências concretas e suas relações cotidianas. Com isso, buscamos questionar a concepção naturalista e universal e os estereótipos trazidos por esta perspectiva na definição da fase da adolescência, tal abordagem corrobora para uma visão determinista e excludente. Desse modo, pudemos observar através das falas dos adolescentes como eles se sentem nas várias instituições sociais, entre elas, a escola e a família, e como o processo de exclusão/inclusão faz parte de suas vidas. A partir da perspectiva sócio-histórica buscamos problematizar os processos de inclusão e a adolescência, considerando que os adolescentes reinventam suas tradições, com formas de comunicabilidades diferentes das gerações anteriores, pois vivenciamos outras configurações de tempo e espaço que se refletem nas formas de pensar e agir de acordo com novas lógicas que ainda precisamos melhor compreender. Tal compreensão é fundamental para o aperfeiçoamento da relação professor/aluno e para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Adolescência, Inclusão, Psicologia Sócio-Histórica.

Introdução

As produções de conhecimentos científicos muitas vezes contribuem para ampliar processos de exclusão já historicamente solidificados, é o que acontece com a temática da juventude e da adolescência. Constituir saberes que geram conceitos universalizantes e abordagens teleológicas que demarcam a natureza e o lugar social dos sujeitos segundo etapas unidirecionais do desenvolvimento, tem implicações as mais diversas em outros campos da elaboração de políticas públicas e das práticas sociais cotidianas. Por exemplo, no sistema educacional a Psicologia do Desenvolvimento produziu

¹Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.

²Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.

³Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba e bolsista e pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

um saber que orientou o agrupamento das crianças segundo a evolução de suas capacidades cognitivas e aptidões específicas.

Pensar sobre a relação entre produção científica e seus impactos na vida das pessoas também é pensar sobre os processos de exclusão/inclusão a que estão submetidos. Assim, este estudo busca problematizar a concepção de adolescência segundo a ótica do próprio adolescente, bem como discutir sobre como os adolescentes percebem o processo de inclusão social e educacional.

O conceito de adolescência na maioria das vezes está atrelado a estereótipos e modelos prontos. É o que propõe a concepção naturalista e universal que defende um conceito de adolescência como uma fase igual para todos, marcada por crises e instabilidades e que não muda conforme o passar do tempo. Dentro desta concepção temos Stanley Hall que identificou a fase da adolescência como um período marcado por conturbações vinculadas à sexualidade. Nessa perspectiva Erikson (1976) institucionalizou a adolescência como um período especial no processo de desenvolvimento, introduzindo o conceito de moratória, ou seja, a adolescência como uma fase em que moramos entre a infância e a idade adulta. Debesse (1946) propõe a essência adolescente, afirmando que essa fase possui uma mentalidade própria e um psiquismo característico. O autor defende ainda a ideia de uma juventude eterna, ou seja, diz que a maneira de ser adolescente não muda conforme o tempo, mas será sempre da mesma forma.

Clímaco (1991) considera a adolescência como uma forma de justificativa da burguesia manter os seus filhos longe do trabalho, ou seja, a adolescência não é algo generalizante, pois começou a ser vivida por um pequeno grupo de burgueses. Essa consequência foi à solução para a sociedade moderna, já que o trabalho, com sua sofisticação tecnológica, passou a exigir um tempo prolongado de formação adquirida na escola. Além disso, temos o desemprego na sociedade capitalista que exigiu o retardo do ingresso desses jovens no mercado de trabalho, a ciência também deu a sua contribuição, pois através de estudos resolveu muitos problemas e prolongou a vida do homem. Assim, manter os jovens na escola foi à solução, prolongando o período escolar e assim houve a formação de um grupo de semelhantes.

Todos os autores mencionados deram sua contribuição que foi de extrema importância, mas que merece algumas considerações, pois defendem o determinismo, ou seja, afirmam que todos os indivíduos que passam pelo período da adolescência serão pessoas conturbadas, que enfrentam crises, e sabemos que não só os adolescentes enfrentam crises, em outras fases da vida humana somos vítimas de crises e passamos por momentos decisivos.

Na concepção universal e naturalista da adolescência, os jovens são configurados a um estereótipo, o de universalizar a adolescência como uma fase de crises, lutos e desequilíbrios. Esse modelo instituído por essa concepção é preconceituosa e excludente, pois defende um padrão de adolescente universal e natural que independe das condições sociais, do seu contexto histórico e da sua cultura. Assim, um conceito ou um hábito é interpretado e vivido de diversas maneiras e que difere de cultura para cultura, o mesmo ocorre com a fase da adolescência é um período criado pelo ser humano e que vai ser vivido de variadas formas de acordo com a cultura, o contexto histórico e as influências sociais que envolvem o indivíduo.

Além desta problematização, é importante ressaltar neste estudo, a necessidade de se compreender o conceito de Inclusão. Para Sasaki (2005, p. 21) a inclusão “consiste em adequar os sistemas sociais gerais da sociedade de tal modo que sejam eliminados os fatores que excluam as pessoas do seu meio” Tendo em vista o conceito de inclusão, observamos a necessidade de enxergar o adolescente não mais com um modelo pronto, mas como um indivíduo que vem de um contexto histórico e social. É preciso que se compreendam os jovens como sujeitos com experiências plurais, sujeitos de seu tempo, pessoas dotadas da capacidade de pensar, de interpretar, de posicionar-se na vida, sujeitos inseridos na cultura e na dinâmica social, que dão sentido ao mundo e à posição que ocupam nele. Sujeitos portadores de desejos, movidos por eles e em interação com outros seres humanos.

Neste contexto, defendemos que a escola e as demais instituições nas quais o adolescente circula destine-se a construir uma sociedade mais democrática e livre das mais diversas formas de exclusão, construindo um ambiente que visa à inclusão social dos sujeitos. Com isso, a escola deve libertar-se de estereótipos e basear-se em princípios éticos que vê na alteridade, no direito à liberdade da diferença, elementos que almejam combater a discriminação e a exclusão dos adolescentes.

Para aprofundar essa concepção mais crítica do conceito de adolescência, a Psicologia Sócio-Histórica propõe que os fenômenos psicológicos sejam estudados como resultado de um processo de construção social do indivíduo, onde dentro desse processo em que participam pessoas as mesmas se sintam inseridas e incluídas se desenvolvendo a partir do social e do histórico. O conhecimento não se dá a partir da interação direta sujeito-objeto, essa interação é, em essência, mediada pelo meio social, pois, o homem transformando a natureza, transforma-se a si mesmo. O desenvolvimento, a inclusão do indivíduo é um resultado de um processo sócio histórico, onde é enfatizado o papel daqueles que fazem parte desse desenvolvimento, auxiliando e contribuindo nesse processo.

Para Vygotsky (1988) o desenvolvimento do indivíduo se dá como resultado de um processo sócio histórico e cultural, observando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento à medida que este indivíduo interage com seu meio. A linguagem é tida como fundamental instrumento de mediação, constituindo-se como um sistema simbólico fundamental para mediação de sujeito/objeto. Ao produzir o meio em que vive, o homem se produz; ou seja, o homem é determinado historicamente, mas é, simultaneamente, determinante da história. Neste sentido, Vygotsky (1987) considera que o desenvolvimento e a aprendizagem se inter-relacionam desde o nascimento da criança, isto é, a constituição do sujeito é um movimento dialético entre aprendizagem e desenvolvimento, e o meio social é principal mediador dessa aquisição de novas coisas.

O processo de formação do desenvolvimento de uma criança/adolescente compreende dois níveis: o primeiro é o nível de desenvolvimento real, um conjunto de atividade que a criança consegue resolver sozinha. Esse nível é indicativo de ciclos de desenvolvimento já completos, isto é, refere-se às funções psicológicas que a criança já construiu até determinado momento. O segundo nível de desenvolvimento é o nível de desenvolvimento potencial: conjunto de atividades que a criança não consegue realizar sozinha, mas que, com a ajuda de alguém que lhe dê algumas orientações adequadas (um adulto ou outra criança mais experiente), ela consegue resolver.

Para Vygotsky (1978), o nível de desenvolvimento potencial é muito mais indicativo do desenvolvimento da criança que o nível de desenvolvimento real, pois este último refere-se a ciclos de desenvolvimento já completos, é fato passado, enquanto o nível de desenvolvimento potencial indica o desenvolvimento prospectivamente, refere-se ao futuro da criança. A distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, caracteriza o que Vygotsky (1978) denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal. A aprendizagem favorece a produção de conhecimento, pela coordenação e mediação muita das vezes de algum fator. O conhecimento é gerado e construído na coletividade, pois a realização de uma atividade com duas ou mais pessoas requer pontos de vistas diferentes sobre uma mesma questão, induzindo a criticidade e conseqüentemente o desenvolvimento psicológico de cada um. O conhecimento é produzido na interação com o mundo físico e social, com base no contato do indivíduo com a sua realidade, com os outros, incluindo assim sua dimensão social, dialógica, inerente à própria construção do pensamento.

Assim, segundo Vygotsky o desenvolvimento se dá através de diversos campos da existência como: afetivo, cognitivo, social e motor, para Vygotsky o histórico sócio – cultural é o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo, para o teórico, o sujeito, é interativo e que ele adquire

conhecimentos a partir de relações intrapessoais e de troca com o meio, a partir de um processo chamado de mediação. O teórico trouxe abordagens que busca síntese do homem inserido na sociedade e, sendo assim, a sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase na dimensão sócio histórico e na interação do homem com o outro homem, sendo assim para o adolescente não é diferente, ou seja, a interação no espaço social. Portanto, diante do exposto o objetivo deste presente estudo é apresentar sob a ótica de adolescentes o significado da adolescência e do processo de inclusão/exclusão social destes.

Descrição Metodológica

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa utilizando a técnica grupo focal que segundo Morgan (1997) a caracteriza como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizado também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim, 2001), o que coaduna com o objetivo deste estudo.

Para concretizar a técnica foi realizada uma entrevista semiestruturada no centro de convivência social na cidade de Pocinhos/PB com um grupo de 10 adolescentes com uma faixa etária entre 14 e 16 anos, onde foi perguntado em uma roda de conversa o que eles mais gostam de fazer e principalmente como eles se caracterizam perante a esse processo pelo qual estavam passando. Tivemos como principal e fundamental aporte teórico as referências bibliográficas direcionadas ao determinado tema trabalhado “adolescência e Vygotsky”. E os principais discursos dos adolescentes foram analisados qualitativamente e discutidos à luz do referencial teórico-metodológico adotado. Vale destacar que todos os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos foram seguidos, principalmente no que diz respeito ao respeito, ao sigilo e confidencialidade da identidade dos sujeitos, sendo suas falas consideradas apenas para fins acadêmico-científicos.

Resultados e Discussão

Buscamos defender a ideia de juventude que tem uma importância em si mesma, por fazer parte da constituição de sujeitos enquanto processo mais amplo, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Todo esse processo influenciado pelo contexto social, pela linguagem,

pela ideologia, pela qualidade das trocas que o social e cultural de cada um proporcionam. Pensamos que é preciso abordar a juventude a partir das experiências cotidianas e plurais de jovens enquanto sujeitos concretos, protagonistas sociais que marcados pelas maneiras dos jovens reagirem “ao capitalismo, à desumanização e à frivolidade” (BARBIANI, 2007, p. 141) oferecem um amplo campo de estudos para buscarmos compreender suas formas singulares de consciência, de pensamento, de percepção, de ação no mundo contemporâneo.

A partir da entrevista feita com adolescentes entre 14 e 16 anos, que estudam pela manhã, pode-se notar certa semelhança entre as coisas que fazem, pois fazem parte de um contexto sócio-histórico bem semelhante e participam do mesmo grupo de socialização que é a escola. Ao longo da entrevista os jovens abordam aspectos singulares da sua vida, o que gostam de fazer, estilo de música preferido e o melhor filme. Dentre as atividades que disseram gostar estão: Passear, comer, dormir e assistir televisão. Os seus estilos de música favoritos são o sertanejo universitário, funk, música eletrônica e reggae. E entre os filmes favoritos estão os de ação, terror e comédia, por exemplo, Velozes e furiosos e Meu nome é rádio.

Para eles a escola é um lugar que em alguns momentos inclui, mas em várias situações do cotidiano exclui o adolescente e seu modo de vida. Os adolescentes relataram que muitas vezes se sentiram excluídos pela didática aplicada e pela falta de diálogo entre a turma e o docente. Afirmaram também que o ambiente escolar por vezes não é atrativo e não condiz com o que vivem no seu cotidiano, resultando assim numa relação pragmática, metódica e sistemática, que não favorece a aprendizagem e a emancipação humana.

Segundo Alves (1997) a maneira como os jovens encaram a escola é sintomática, ou seja, os jovens trabalhadores associam a escola e o trabalho como forma de autonomia, enquanto os jovens de classe mais alta a consideram como útil, mas ligada a aspectos sociais e até de lazer. Alguns dos jovens entrevistados encaram a escola e os professores como “chatos” e atribuem a eles os motivos de fugirem das aulas, assim podemos observar que a diferença de classes influencia também no significado que o jovem atribui à escola, alguns como forma de crescer e conseguir um bom emprego, outros como chata e com pouco sentido pra sua vida.

A quase totalidade do grupo de jovens classificou a adolescência como um período da vida em que eles se sentem mais livres para curtir, fase em que também passam a conhecer melhor o corpo e podem escolher entre o “bem e o mal”, citando as drogas como exemplo. Alves (1997) em sua pesquisa concluiu que grande parte dos jovens tem uma visão negativa e estereotipada sobre os outros jovens, entre eles, vândalos, drogados e rebeldes, mas se definem como adolescente-padrão, em nossa

pesquisa os jovens não se auto definem como rebeldes ou a adolescência como um período de crise. Segundo Santos (1996) os jovens têm por parâmetro sempre o adulto, para isso usa o termo de adultocentrismo, os adolescentes da nossa pesquisa afirmaram serem aconselhados pelos pais nas suas escolhas de vida e de profissão e que acham certa tal atitude, assim conclui-se que os jovens têm os adultos como um modelo a ser seguido.

Os jovens da nossa pesquisa afirmam que se sentem incluídos na sociedade, mas que esperam mais desenvolvimento para cidade, cursos profissionalizantes e mais investimento em cultura, Conforme Bock, (1997) “os fatores sociais são encarados de forma abstrata e genérica, e a influência do meio torna-se difusa e descaracterizada contextualmente, agindo apenas como um pano de fundo no processo de desenvolvimento já previsto no adolescente”. O adolescente ainda vê a sociedade apenas como a cidade e os investimentos que são aplicados a ela, não consegue enxergar a sociedade como as relações existentes, como os valores produzidos e reproduzidos por eles, pelas relações de poder estabelecidas e que muitas vezes não são percebidas, mas que estão fortemente postas.

Assim, podemos observar ao longo da nossa entrevista que os jovens não classificam a adolescência como um período de crise, de luto, de instabilidades e tormentos como afirma a concepção naturalista e universal da adolescência. Pelo contrário, a adolescência é um momento significado e interpretado pelo homem, de acordo com as diferenças sociais o jovem atribui um novo significado para a adolescência. Conforme Bock (1997) sem as condições sociais, a adolescência não existiria ou não seria essa da qual falamos, pois estas condições sociais constroem diversas formas de adolescência.

A perspectiva psicanalítica também desenvolveu estudos sobre a adolescência que é semelhante ao que a concepção naturalista e universal defende, a adolescência como um período marcado por crises, confusão e desequilíbrios. Os jovens da nossa pesquisa não se autodenominam como pessoas em crises e que vivem conturbações.

Segundo Margareth Mead (1945) a universalidade dos conflitos adolescentes tem sido muito questionada, pois negligencia a inserção histórica do jovem e suas condições objetivas de vida. A concepção naturalista e universal propõe uma igualdade de oportunidades entre todos os adolescentes, algo que é inconcebível se considerar que cada jovem tem seu contexto histórico e suas experiências pessoais. De acordo com nossa pesquisa, observamos que cada jovem vive a adolescência de maneira singular, pois é uma fase construída e formada socialmente.

Para Bock (1997) a fase da adolescência foi criada historicamente, enquanto representação, fato social e psicológico. A autora considera a universalidade como portadora implícita da ideia de

evolução natural do ser humano, linear, independente das condições concretas de sua existência, ou seja, uma evolução natural que não é modificada pelo meio social. Assim, podemos afirmar que a adolescência não é um período natural do desenvolvimento humano, é um momento que tem significado e interpretação para o homem. Por exemplo, umas das características que a concepção universal e naturalista atribui para a etapa da adolescência são as mudanças no corpo, mas essas mudanças também ocorrem em outras etapas da vida não apenas na adolescência, como as mudanças que ocorrem durante o envelhecimento.

Todas essas mudanças que ocorrem no corpo durante a adolescência não são apenas vistas como algo natural, mas recebem significados para a sociedade. Como por exemplo, os músculos do jovem que em uma cultura significa força e garra e em outras culturas os músculos significam sensualidade, beleza e masculinidade. Neste sentido, podemos observar como uma mesma característica é interpretada de diversas formas em culturas diferentes, da mesma maneira as características atribuídas à adolescência pela concepção naturalista e universal não pode ser um fator determinante em todos os indivíduos, pois a adolescência é vivenciada de variadas formas e nas mais diversas culturas e de forma singular, pois cada jovem tem fatores psicológicos, biológicos e sociais diferentes.

A abordagem sócio interacionista busca caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e também elabora hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da sua história, os conceitos sócio interacionista sobre o desenvolvimento e aprendizagem se fazem sempre presentes, e impulsiona a reflexão sobre tais processos. Para Vygotsky, não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que lhe ajudem na aprendizagem e que para a aprendizagem a interação e sua relação entre processos vivenciados, onde o ensino e aprendizagem envolve diretamente a interação dos sujeitos.

Portanto, essa interação pode ser mais bem compreendida quando nos remetemos ao conceito da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, a distância entre o nível de aprendizagem no desenvolvimento real, que é determinado pela capacidade de resolver os problemas independentemente do nível de desenvolvimento proximal que é demarcado pela capacidade de solucionar problemas com a ajuda de um indivíduo mais experiente. No mais ao refletirmos sobre a concepção Vigotskyana, chegamos à compreensão que: o desenvolvimento do ser humano se dá de maneira simples evolutivamente mediante vários aspectos próprios do contexto humana oriundo das representações da estrutura física e mental como um todo inserido fazendo parte também deste

panorama uma conjuntura histórico sociocultural no qual o homem está inserido a partir da interação que o indivíduo naturalmente desenvolve e das relações Inter e intrapessoais desenvolvidas pelo sujeito que adquire conhecimentos partindo destes seguimentos no seu relacionamento com o outro, com o meio em que vive.

Na zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer a relação entre outro que o ser humano terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas e com a ajuda do mediador, para Vygotsky, a linguagem passa por três fases: a linguagem interior, intimamente ligada ao pensamento; linguagem egocêntrica é a progressão da fala social para a interna, ou seja, o processamento de perguntas e respostas dentro de nós mesmos o que está bem perto do pensamento, representa a transição aí surge a fala que emitimos para nós mesmos, que é uma linguagem que não é transmitida para a sociedade, esse falar nos ajuda a organizar nossos pensamentos. Assim entendemos que o discurso interior e pensamento é uma fase posterior á fala egocêntrica, é quando as palavras passam a ser pensadas sem serem faladas.

Vygotsky (1996) considera que a origem do psiquismo humano se encontra nas condições sociais de vida historicamente formadas e, de acordo com seu pensamento, relacionadas ao trabalho social, ao emprego de instrumento e ao surgimento da linguagem. Ele parte da concepção da formação do psiquismo humano por meio de uma relação dialética entre realidade social e fenômenos tipicamente humanos como a consciência e a linguagem. O desenvolvimento se processa por meio de constantes interações com o meio social em que o sujeito vive e disso resulta o desenvolvimento de formas psicológicas mais sofisticadas. Dessa maneira, o desenvolvimento do psiquismo se processa mediado pelas relações com o outro (que podem ser outras pessoas do mesmo grupo cultural). Esta mediação indica e delimita os significados que são construídos pela humanidade, e apropriados e significados pelos indivíduos.

O adolescente perante isso passa a ocupar uma posição diferente na sociedade: novas cobranças são feitas, ele tem que se posicionar diante dos fatos, a relação com os pais sofre transformações, ele ingressa em outra esfera de relações humanas e várias transformações acontecem no seu entorno. O meio social não aceita que o jovem aja como uma criança. Ao mesmo tempo, ele torna-se mais crítico, pois já se apropriou de muitas informações, possuindo domínio de suas funções psicológicas, o que as torna voluntárias. O adolescente começa a ter uma opinião mais definida em relação aos fenômenos que o cercam.

Para Leontiev (1978), as necessidades internas do adolescente denominadas “crises” são propulsoras do amadurecimento do indivíduo. A crise é considerada uma ruptura, um salto qualitativo

a ser efetivado. Como muda o lugar ocupado pelo indivíduo no sistema de relações sociais, as mudanças acabam por constituírem-se forças motoras do desenvolvimento psíquico. Assim, o meio social confere ao indivíduo um sentido aos atos internalizados por ele. As características dos jovens dependem das condições e necessidades históricas de cada momento. A sociedade moderna criou o adolescente com essas características vinculadas ao culto ao corpo, à falta de responsabilidade em relação aos episódios que vivenciam, a crises que buscam justificar todos os seus comportamentos.

Considerações Finais

A adolescência é uma fase onde muitos adultos não entendem e ficam procurando falhas para que culpe a idade por isso, é um momento que todos nós já vivemos e passamos. Entendemos que a palavra adolescência é uma forma que encontraram para dá nomes aos fenômenos diante do mundo social e físico e que interajam com ele, o caminho pelo qual entram em contato com outras pessoas e com as coisas, o instrumento para a construção coletiva do conhecimento. Os adolescentes sentem a necessidade de interagir com outras pessoas que tenham gosto incomum com o deles, sem preconceitos, regras do que pode ou não podem, sem exclusão e sem impossibilidades, para desenvolverem-se, para arquitetarem seus conhecimentos, confessar suas emoções e entenderem o mundo como normais e não como diferentes.

Portanto entendemos que a adolescência é um fenômeno social e suas práticas, emoções, sentimentos, ilusão ou desilusão são permeados pelos contextos culturais e sociais concretos, mas que isso não é exclusivo dessa fase da vida, mas que todo ser humano vive independente da idade que possuem, porém, muitos deles podem se desviarem da vida tida como certa, não por ser adolescente, mas por não terem encontrado oportunidades de serem o que potencialmente podem ser.

A adolescência é uma experiência na qual o sujeito é desafiado a crescer tanto psiquicamente como no seu corpo físico, eles precisam se movimentar, interagir com os outros indivíduos também diversos. É a época que o corpo desperta para a vida sexual e tudo isso é novo, é diferente e causam conflitos tanto mentalmente como aparentemente, como todo indivíduo os adolescentes precisam de comunicação, de diálogo, de fortalecimento do vínculo afetivo entre os familiares e amigos.

Os jovens e adolescentes são interlocutores na vida e na pesquisa, estão inseridos em classes e ocupam lugares sociais, bem como reivindicam espaços na comunidade, nas instituições e nas relações. São sujeitos que agem no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais. Por tudo isto, defendemos sua participação ativa nesta pesquisa, o que certamente desvelará aspectos específicos, diferenciados e, por isso mesmo, único.



Referências

- ABERASTURY, A. (1980). **Adolescência**. Porto Alegre. Artes Médicas
- ALVES, C. P. (1997). **Eu nunca vou parar de buscar nada: emancipação frente à colonização e políticas de identidade na adolescência**. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP.
- BARBIANI, R. Mapeando o discurso teórico Latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 6, n.1, p.138-153. Jan;/Jun. 2007.
- BOCK, A. M. B. (1997). **As aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia: Um estudo sobre o significado do fenômeno psicológico na categoria dos psicólogos**. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP
- CLÍMACO, A. A. de S. (1991). **Repensando as concepções de adolescência**. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de pós-graduação em psicologia da educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP.
- DEBESSE, M. (1946). **A adolescência**. São Paulo. Europa-América.
- ERIKSON, E. (1976). **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro. Zahar.
- HALL, Stanley. **Adolescence**. New York: Appleton, 1925.
- KNOBEL, M. **A Síndrome da adolescência normal**. In: *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. A. Aberastury e M. Knobel (orgs.). Trad. de Suzana Maria G. Ballve. Artes Médicas, Porto Alegre: RS, 1981. 92p.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MEAD, M. (1945). **Adolescencia y cultura en Samoa**. Buenos Aires. Editorial Abril.
- MORGAN, D. (1997). **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications.
- SANTOS, B. R. dos (1996). **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência**. Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: o paradigma do século 21**. Inclusão: Revista de Educação Especial. v.1, n.1 (out/ 2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

VEIGA, L. & Gondim, S.M.G. (2001). **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. 2 (1), p.1-15

VYGOTSKY. L.S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 103-117.